

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XIX Volume — N.º 624	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120	25 DE ABRIL DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Até que emfim Lisboa parece ter acordado. Longe, ha muito, da capital chegaram-me aos ouvidos, ainda vibrantes, os eccos dos triumphos alcançados por Emanuel e Rossi.

É sempre um enorme prazer vêr que a nossa terra sabe acolher dignamente os artistas que realmente merecem este nome. E assim queremos acreditar, pela fama que os precedem, sejam os dois actores, gloria da arte dramatica italiana, a que o publico da capital acaba de faser as mais estrondosas ovações.

Precisamos andar de sobre-aviso. *O pé atraz* é bom conselho, quando se trata de companhias dramaticas estrangeiras; mas applaudir ou desdenhar ao acaso da inspiração, acreditar hoje n'um reclamo pomposo e amanhã tomar ares de esperto e descrente ante os applausos d'um mundo inteiro, é tudo o que ha de menos intelligente e, ao mesmo tempo, de mais deshonesto.

E, fechado o parenthesis, bom foi, e a um intelligentissimo critico foi isso, em grande parte devido, que o publico de Lisboa corresse a ouvir excellentemente desempenhadas as melhores peças de Shakespear e de Goldoni.

A vinda a Lisboa de artistas de primeira ordem, como Rossi, Salvini, Pezzana, Novelli, Coquelin, Sarah Bernhardt e Emmanuel, longe de prejudicar o theatro portuguez, educa o publico na arte de representar e prova-lhe ao mesmo tempo, que entre nós tambem ha artistas de valor, que não ficam na sombra, embora seja immenso o fulgor do astro que momentaneamente nos deslumbra.

Tenho ouvido varias vezes alguns criticos insurgindo-se contra applausos dispensados a artistas estrangeiros, quando entre nós, por actores portuguezes, as mesmas peças foram primorosamente desempenhadas. A queixa é absurda, porque o applauso não é relativo.

Nem Brazão, que foi mais de trezentas vezes applaudido no *Hamlet*, *Othello* Kean, nem João Roza no *Abade Constantino* e no *Luz XI*, nem Augusto Roza na *Extrangeira* e no *Cesar de Bazan*, se queixaram nunca que lhes fossem minguados os applausos, desde que o publico achára pontos de comparação com que melhor pudesse avaliar-lhes e comprehender o trabalho.

Creio que todos lucrámos com as visitas amiudadas d'esses actores de excellente ordem; em primeiro lugar porque vemos representadas peças que sem elles nunca subiriam á scena em Portugal, e depois porque, por mais indifferentes que pareçam, certos progressos de *mise-en-scène*, pequeninos pormenores de desempenho, melhor é ver como se estudam no mundo inteiro do que fial-os da intelligencia e boa vontade de alguns poucos.

Dê-se-lhes pois toda a protecção, recebam-se com toda a consideração e enthusiasmo de que são dignos, e, quando alguns chorarem, em vez de se levar mulher e filhas a ver *pochades* capazes de fazer córar um tambór-mór, patêe se desapiedadamente e apite-se pela policia, se tanto fôr preciso.

A estação dos theatros vae no fim. Lucinda Simões partiu para o Porto, onde a companhia do theatro de D. Maria é tambem esperada no dia 15 de Maio.

No Porto ha a paixão pelo theatro e creio que poucas plateas haverá no mundo mais silenciosas, mais attentas a uma representação do que estas. Ha um verdadeiro respeito pelo trabalho que se lhes apresenta e que ellas desejam avaliar inteiro no seu conjuncto e no minimo pormenor.

Lucinda Simões deve estreiar-se no theatro de S. João no sabbado, 25. A peça escolhida para a primeira recita será a *Madame Sans Gêne*. O publico está ancioso por ver Lucilia Simões, a quem não regateará os applausos, reconhecendo n'ella, por certo, o talento de que tantas

provas tem dado e auxiliando a assim na arte que escolheu como carreira e de que é a mais formosa esperança que tem ultimamente despondido.

Emanuel e Rossi darão a primeira recita n'um dos primeiros dias de maio. Vão representar para o theatro do Principe Real, cuja companhia, que tem como director Affonso Taveira e como maestro Cyriaco de Cardoso, está tratando a toda a pressa de organizar repertorio para o Brazil, onde tão bem acolhidos foram, na epoca passada.

Acompanha-os d'esta vez Angela Pinto, que é hoje, sem contestação, uma das nossas primeiras cantoras de operetta.

O repertorio da companhia é enorme e vai augmentadissimo, Angela Pinto fará todos os seus antigos papeis Fazem parte tambem do pessoal



CORONEL JOSÉ ESTEVÃO DE MORAES SARMENTO,
NOVO MINISTRO DA GUERRA

feminino da companhia de Affonso Taveira as actrices Thereza Mattos, Emilia Eduarda, já conhecidas das platéas do Brazil e por ellas applaudidíssimas, e Elvira Mendes, que pela vez primeira vai tentar fortuna ás terras de Santa Cruz, onde a sua voz bonita e a alegria que sabe comunicar aos papeis, lhe assegurarão um exito igual ao das suas collegas.

Cyriaco vai como director de orchestra e leva na sua mala de viagem quatro ou cinco operas comicas, para que elle escreveu alguns d'aquelles trechos inspirados, tão nossos conhecidos, e que tão populares se hão tornado.

Partem em principios de Julho e contam demorar-se pelo Brazil uns cinco mezes.

Que sejam tão felizes como o merecem, pelo talento de que muitos já deram sobejas provas e pelo trabalho assiduo a que todos, sem excepção, se dedicam, é o mais que lhes podemos desejar. Que o sejam tanto como d'outra vez o foram e que todos aquelles que hoje intentam a viagem pela primeira vez tragam o mesmo desejo de voltar que hoje alvoroça os companheiros.

Entretanto todos trabalham activamente. José Ricardo, um dos bons actores comicos portuguezes e que, ha dias, tivemos occasião de applaudir com a maior justiça no desempenho do Jeremias do *Rei Damnado*, tará brevemente beneficio com a primeira recita da *Ponte Infernal*, traducção de Eduardo Garrido. Devem ainda no mesmo theatro do Principe Real subir á scena, antes do fim da epoca, duas peças originaes.

Depois o verão virá cerrar as portas dos theatros e o Porto vai despovoar-se. Os que ficam teem um grande recurso aqui, as sombras maravilhosas dos jardins do Palacio, uma das mais bellas coisas de Portugal, dignas d'uma cidade de primeira ordem.

Foi n'uma das salas do palacio que, uma d'estas noites, tivemos o prazér de assistir a um dos concertos mensaes do Orpheon Portuense.

Faziam parte do programma o primeiro tempo da *Symphonia* heroica de Beethoven, o *Concerto em do menor* para piano e orchestra de Mozart, a *Parisina*, poema symphonico para grande orchestra de Miquéz, e a *Kaisermarch* (marcha imperial) de Wagner. Esta parte do programma basta só por si para demonstrar o gosto apurado do director do Orpheon, o Sr. Moreira de Sá, cuja gentilissima filha, quer na forma por que se houve no concerto de Mozart, quer na maneira porque interpretou *Bergers et Bergeres* de Godard, revelou a todos a formosissima herança que lhe coube em sorte.

O Sr. Moreira de Sá, assiduo e entusiastico cultor da arte musical, conseguiu que uns setenta ou oitenta homens de boa vontade, entre os quaes alguns artistas de profissão, se reunissem para dar a conhecer, no Porto as obras primas do genio,

Pela primeira vez se tocou agora em Portugal a esplendida obra de Miguéz, actual director do Instituto Nacional de Musica no Rio de Janeiro. Inesperada no famoso poema de Lord Byron, a ode symphonica do distincto brasileiro, antigo discipulo de Cyriaco de Cardoso, e que no Porto deu os primeiros passos na arte a que deve hoje a celebridade, mereceu a Antonio Arroyo um demorado estudo, que brevemente será publicado.

A musica começa por descrever com todo o poder da arte maravilhosa, as maguas que torturam Parisina longe d'aquelle a quem ama. Sente-se o vento passar brandamente pelas folhagens das arvores, os beijos lentos das aguas nas areias da praia. Em todo aquelle preludio ha notas frescas, crystallinas, como gotas de luar baloiçando-se nas folhas orvalhadas, enchendo de placas argéntinas e tremulas as aguas levemente crespas. E o drama continua, Parisina encontra-se com Hugo, chora, lamenta-se, deixa-o, sonha com elle, trahe em sonhos o segredo de sua alma, vê Hugo condemnado ao cadafalso.

E tudo isto é descripto n'aquella linguagem maravilhosa que vai direita ao coração, que não tem palavras e todos entendem.

É uma verdadeira obra prima, uma obra de genio.

E agora ao pensar n'aquella hora de verdadeiro jubilo artistico, em que me foi dado admirar o talento d'um homem que é quasi nosso compatriota, não posso deixar de felicitar os interpretes d'aquellas paginas sublimes e sobretudo o director de orchestra, que tão bem percebeu, sentiu e nos soube revelar toda a belleza d'aquellas melodias, em que ha o quer que seja de mui o nosso, de muito inspirado n'este sentimento, tão nosso, de saudade.

JOÃO DA CAMARA.



AS NOSSAS GRAVURAS

CORONEL MORAES SARMENTO NOVO MINISTRO DA GUERRA

Foi chamado aos conselhos da corôa, por motivo da demissão pedida pelo sr. coronel Pimentel Pinto, de ministro da guerra, o sr. coronel Moraes Sarmiento, para o substituir.

Tem a data de 7 do corrente o decreto que nomeia o novo ministro, que logo tomou conta da pasta da guerra, escolhendo para chefe de gabinete o major do corpo de estado maior sr. José Joaquim de Castro, lente da Escola do Exercito; ajudante de campo o capitão de artilheria sr. Ernesto Diniz Lopes de Sousa, sub-director da fundição de canhões, do Arsenal do Exercito; e para official ás ordens o tenente-ajudante de infantaria n.º 5, sr. Francisco Xavier Libanio dos Santos Pereira.

O novo ministro da guerra de ha muito que estava indicado para este alto cargo, e por isso a sua nomeação foi bem recebida por toda a imprensa, unanime em reconhecer no novo titular da pasta da guerra, a capacidade para bem gerir os negocios do seu ministerio, nas actuaes circumstancias.

O sr. coronel José Estevão de Moraes Sarmiento, sentou praça em 1861 e fez o curso de infantaria da Escola do Exercito, sendo promovido a alferes em 8 de junho de 1869, seguindo depois os postos até o de coronel, em 30 de junho de 1893.

São muitas as commissões que tem desempenhado e da mais alta importancia, taes como: promotor da justiça militar, que desempenhou de modo superior, sendo para notar, principalmente, no julgamento do celebre processo de Marinho da Cruz, e como defensor, no conselho de guerra dos implicados na revolta de 31 de janeiro de 1891, em que affirmou os seus principios de honrado liberal; no Collegio Militar o de secretario, logar do qual passou a adjunto ao ministerio da guerra; o de director da repartição militar annexa ao ministerio da fazenda para a reorganização da guarda fiscal; o de commandante da Escola Pratica de Infantaria, em Mafra, commissão que estava desempenhando actualmente de modo superior.

Em todas estas commissões deixou rasto brilhante da sua passagem, e não menos brilhante foi tambem a sua passagem pelo parlamento, onde, fazendo parte da commissão de legislação criminal, foi escolhido para presidente da mesma commissão que tinha entre os seus membros, homens que já tinham sido ministros, juizes e advogados. Na camara fez parte ainda de outras commissões, que tambem o escolheram para seu presidente.

Distinctissimo escriptor, tem escripto sobre assumptos militares em varias publicações do genero e especialmente, na *Revista Militar*, a mais antiga que se publica no paiz.

Entre outras obras devidas á sua penna citaremos as seguintes: *A Formatura Fundamental na Cavallaria*; *Legislação Penal Militar*; *Constituição dos Tribunaes Militares e Respectiva Forma do Processo*; *Responsabilidade Criminal de Alienados*; e *Especialmente de Epilepticos*; *O Real Collegio Militar*; *Revolta e Rebelião*; *Portugal e a Neutralidade Defensiva da Hespanha*; *As Escolas Regimentaes em Portugal*, etc.

Collaborou por muitos annos ao lado de Antonio Rodrigues Sampato, na *Revolução de Setembro*; alguns dos seus escriptos sobre assumptos militares tem sido traduzidos em francez e hespanhol.

O sr. Moraes Sarmiento é socio do Instituto de Coimbra e condecorado com o grande officialato de S. Bento d'Aviz, commendador da dita ordem e da de S. Thiago do merito scientifico litterario e artistico; cavalleiro da Torre Espada e tem as medalhas militares de ouro de bons serviços, de prata da mesma classe e de comportamento exemplar.

A EXPLOSAÇÃO DO VAPOR «MATADI»

Foi junto da povoação de Boma, a qual está situada a uns 100 kilometros acima da embocadura do rio Zaire, que se deu a grande catastrophe que a nossa gravura representa e que é copia de

uma photographia do sinistro; que nos foi enviada amavel e espontaneamente pelo sr. A. J. Felgueiras, nosso presado assignante.

A povoação onde se deu esta catastrophe é composta de feitorias, pela maior parte estrangeiras, que são as mais importantes, e é das que, juntas com Banana, Porto da Lenha, Vivi e outras de menos importancia foram cedidas por Portugal á Associação Internacional Africana, na conferencia de Berlim realisada em 1885.

D'esses territorios addidos ao Estado do Congo, é Boma o mais importante pelo seu commercio. Existem alli varias feitorias estrangeiras havendo algumas portuguezas. Parece, todavia, que as feitorias belgas são as mais desenvolvidas.

Embora Boma esteja ha onze annos fora da tutela portugueza, ainda hoje ali é respeitado pelo indigena com a sua crença natural, o nome portuguez.

A grande explosão dada a bordo do vapor *Matadi* teve logar no dia 7 de março passado pelas 5 horas da manhã arrojando-se a grandes distancias peizadas peças do navio. As causas d'essa explosão ainda hoje se ignoram.

O *Matadi* era um vapor de 2.800 toneladas que ha cerca de dez annos percorria toda a costa occidental da Africa e fazia a carreira de Liverpool até Loanda. Era propriedade da rica companhia *British & African Steam Navigation Company Limited*.

O vapor chegara de Matadi, no dia 4 de março e fundeu deante da feitoria ingleza Hatton & Corkson, estando prompto a partir no dia 7, em que se deu a explosão, ás 5 horas da manhã. Devia seguir para Loanda, com escala por todos os portos do districto do Congo.

Os soccorros demoraram-se bastante porque além de ser matinal a hora a que se deu o desastre tambem muita gente imaginou que era um tiro de peça, visto o vapor ter de largar ás 8 horas da manhã. Todavia as pessoas que se achavam mais perto, presumindo que se dera alguma desgraça vieram perguntar o que acontecia, só então se teve conhecimento da terrivel catastrophe que victimou 44 pessoas sendo 16 pretos e 3 passageiros, um missionario inglez e sua esposa e sir Edling, que viajava para a Europa.

Os que não morreram afogados, porque instantes depois da explosão toda a proa immergiu, foram victimados por asphyxia em resultado do fogo que se desenvolveu na grande carga de alcool e polvora destinada aos portos do sul. Navio e carregamento ficaram perdidos.

Salvaram-se alguns passageiros da 1.ª classe e quasi todos da ré porque esta parte do navio pouco soffreu. Mas todos os passageiros salvos perderam as suas bagagens.

A casa ingleza, em frente da qual fundeara o *Matadi*, soffreu prejuizos importantes tendo que serem demolidos os seus armazens, pelo estado de ruina em que ficaram.

No soccorro dos feridos houve grandes dedicações e aprez-nos registrar o nome do sr. Hermenegildo de Magalhães, que achando-se na praia ao momento da explosão, se dirigiu logo para o vapor em um barco, a fim de prestar soccorro.

A classe commercial, e os consules estrangeiros foram tambem incançaveis nos soccorros que prestaram.

DR. ARISTIDES DA SILVEIRA

Telegrammas recebidos do Brazil dão noticia de ter fallecido em S. Paulo o dr. Aristides da Silveira, ex-ministro da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

O dr. Aristides da Silveira Lobo, natural do Estado de S. Paulo foi um dos mais decididos apóstolos da republica e que mais concorreu para a implantação d'esta forma de governo no Brazil.

Formado em Direito na Universidade de S. Paulo, foi um distincto ornamento da tribuna e do fóro. Luctador da palavra e da penna sustentou na imprensa uma campanha leal e convicta contra as instituições monarchicas do seu paiz, o que lhe valeu entrar, como ministro do interior, no governo provisoio da republica, em novembro de 1889.

Aristides da Silveira herdou de seu pae as idéas republicanas, e soube sustentar-se sempre dentro dos principios, pelo que as suas opiniões tinham auctoridade e o seu character era respeitadissimo em todo o Brazil.

A Republica dos Estados Unidos do Brazil, perdeu, em Aristides da Silveira um dos seus fortes esteios, sendo para notar que, dos homens que fizeram parte do primeiro governo republicano do Brazil, este é o quarto ou quinto que morre, no espaço de pouco mais de seis annos.

POMBEIRO DA BEIRA

TRECHOS DE UM LIVRO INEDITO

A EGREJA

Do que fica dito depreheende-se pois que, na povoação de Pombeiro, propriamente dita, só existe como monumento o vulto venerando da igreja, que é uma edificação singela no exterior, e nos parece datar do começo da Renascença, época das suas preciosas alfaias.

Considerando porém que Matheus da Cunha, lá sepultado em túmulo especial, engravado na grossa parede lateral da capella-mór, floresceu no seculo XIV, devêmos attribuir a fundação da igreja aos principios d'esse seculo.

A edificação é de forma quadrilonga e singela apparencia; mede 14,80 metros de frente por 38 de fundo, occupando por tanto uma superficie quadrada de 562 metros, quebrando-se as linhas rectas lateraes por uma reentrancia, na parte onde começa o espaço altar-mór.

Ligada á frontaria do lado esquerdo, avulta a torre ponteguda, povoada de duas ventanas com outros tantos sinos, que são de boa tempera, mas de idade moderna.

Não soubemos o destino, que fôï dado aos primitivos.

Estes encimados pela legenda *in hoc signo vinces*, e ladeados da inscripção do autor, José Amaro Dias de Campos, tem as datas de 1826 o menor e de 1827 o maior.

A igreja compõe-se interiõrmente de tres naves columnadas com cinco arcos por banda, pouco elegantes pela mesquinha altura do tecto, partindo os primeiros dos lados da porta principal, apoiando-se os ultimos na parede, onde se forma o cruzeiro, e todos ao centro em quatro columnas dóricas.

Estas e aquellas são feitas de cantaria avermelhada, oriunda da montanha de Sabouga, que borda o valle da Chapinheira, por detraz da serra do Salgueiral, já mencionada; nada tem de distincto, a não sêr o pulpito em forma de calix com a base cortada, despido de ornatos, feito da mesma pedra, e encostado á penultima columna da esquerda.

A pia baptismal, elevada por alguns degraus, do mesmo lado, á entrada, apresenta o caracter do pulpito e é de material identico.

Este granito arenoso, por vezes salpicado de manchas brancas, é commum ás edificações de todos os lugares circumvisinhos e freguezias proximas e fôï o que se empregou tambem na residencia feudal.

Encostada ás ultimas columnas e elevada por um degrau, corre uma balaustrada de madeira, que separa dos tres restantes, dispostos em cruz latina, os dois primeiros altares, unicos encostados ás paredes lateraes e de architectura mais simples e inteiramente diversa dos outros.

O da esquerda é formado por duas columnas compositas, sustentando um pequeno frontão, ladeado de anjos, tendo ao centro tres cabeças de serafins no meio de um sol irradiante. Venera-se ali o *Anjo Custodio*, uma boa escultura de madeira, já bastante damnificada pelos maus tratos, que lhe tem dado, á força de martelo e pregos, na occasião das procissões, onde elle sempre figura.

O prégo, vibrado por mãos ignaras, tem tido nefasta influencia, na história vandalica d'aquelle templo, tão digno de melhor sorte.

O altar da direita, mais acanhado e menos elegante, parece-se com o anteriõr, e ostenta em maquina mal vidrada a imagem mais valiosa da igreja, *Nossa Senhora do Rosario*, em tamanho aproximado do natural, com o menino ao colo, excellentemente modelado, incluindo a senhora e o menino, colocado em peanha de madeira.

Até ao nosso exame e classificação, era ali desconhecido o material d'esta magnifica imagem, em razão do colorido da pedra, que a semelha a uma escultura de madeira, primorosa em especial pela correcção das roupagens.

A esta senhora pertenceram a dotação e os maiores bens da igreja, de que fôï despojada, por não poder queixar-se, como não podiam queixar-se os mortos, a quem foram extorquidos criminosamente os sufragios e as sepulturas, que pagaram com os seus bens, como adeante veremos.

Transposta a balaustrada, temos dois altares aos lados do arco cruzeiro, irmãos na architectura da bellissima obra de talha dourada, semelhante, posto que um tanto inferiõr, á do magestoso altar-mór.

O da direita tem, como retabulo, um painel antiquissimo, representando a *Ceia*, e serve ao *Santissimo*.

O da esquerda tem por fundo outro quadro, que se não pode vêr, por estar encoberto com uma tosca maquina moderna, que algum devoto de mau gosto, com o consentimento do párocho, seu contemporaneo, dotado ainda de peor gosto, fez collocar n'esse sitio.

Dentro d'essa má obra envidrada, figura *Nossa Senhora dos Afflictos*, imagem de vestir, tamanho natural, pouco recommendavel pelos traços fisionomicos, mas de grande devoção popular, e por isto digna de um altar próprio, onde de ha muito devia estar situada.

Subindo um nôvo degrau, guarnecido de bella balaustrada de pau santo, vedando o arco cruzeiro, defrontamos com o magestoso altar-mór, a obra mais notavel do edificio.

Formam-no, por banda, quatro grossas e altas columnas salomónicas, pintadas e douradas, postas em sentido diagonal, com sócos quadrangulares e capiteis compositos, sustentando um entablamento saliente, ornado de cabeças aladas de serafins, rosêtas floreadas e outros enfeites em relêvo.

Do entablamento partem quatro torcidos, representando a continuação das columnas, e fechando simetricamente em arcos, que servem como que de baldaquino ao sacrário.

Os riquissimos fustes salomónicos, dourados e pintados, ou melhor diriamos, dourados e esmaltados com as côres naturaes, são um notavel labirinto de ornamentação relevada, representando anjos e aves do Paraiso e parras com fructos de larguissimo valôr artistico.

A arcaria do segundo côrpo, como que atada por quatro travessões, dignos d'ella, representa a continuação das columnas, como já dissemos; tem a mesma forma e feitura d'estas, é simplesmente dourada, mas muito coalhada de parras e fructos, por não têr aves e figuras; o que em nada diminue o valôr do conjunto, taes são a harmonia e o bom gosto, que presidiram a esta distinctissima obra de arte.

O trabalho de talha prolonga-se no fécho, reentrando em forma de concha, de modo a cobrir completamente o trõno, mas é de feitura simples e em nada se parece com os enfeites anteriores.

O sacrário de forma rectangular, alarçando-se no fundo, e estreitando-se na frente, em ligeira diagonal, segue o mesmo estilo e ornamentação.

Tem um metro de altura e é guarnecido com quatro elegantissimas columninhas, eguaes em tudo ás do magnifico altar, sustentando os angulos do cornijamento, que é enfeitado por cabeças aladas de serafins, e servindo de moldura ás paredes relevadas e á frontaria, onde se abre a porta arqueada e guarnecida de uma grinalda de estilo salomónico, a meio da qual avulta, em baixo relevo, a escultura do Senhõr, no acto de lhe inflingirem o escarneo da cana verde.

Esta peça de formas elegantissimas representa, so por si, um grande valôr intrinseco e estimativo.

A falta dos dotes precisos para se estimarem tôdas estas bellezas, tão antigas como valiosas, tem concorrido, no corrêr dos tempos modernos, para se praticarem verdadeiros actos de vandalismo.

A obra de talha acha-se em parte esmurrada, crivada de pregos e argolas, para, na occasião das festividades, se mascarar com uns trapos de má sêda, á guiza de enfeites, que uma simples particula de bom senso devia condemnar e proscriver.

O riquissimo sacrário, n'essas occasões, é *egualmente coberto* e envolvido n'um pano, talhado de uma côlcha, embora bonita e antiga, cerzida de retalhos de chita e linho!

O reverendo priõr actual, a repetidas instancias nossas, corroboradas ultimamente pelo respeitavel missionario, chefe da missão de Huila, o distincto e muito illustrado padre Antunes, quando ha dois annos visitava a igreja de Pombeiro, e se embevecia, como nós, diante da notabilissima architectura do altar-mór — resolveu-se a alterar essas boas obras dos seus antecessores, transferindo para as janellas lateraes, como se fazia antigamente, os taes enfeites de mau pano e peor sêda, que de ha muito deviam têr sido banidos da correcta e formosissima obra de talha, que só por si representa o melhor dos adornos imaginaveis.

O sacrário, infelizmente, lá continua ainda, nos dias solemnes, a ser amortalhado; e, no necessario concerto, applicado, ao tecto da capella-mór, a pintura antiga fôï substituida por outra, que... que hom seria não ter saído nunca da pobre imaginação do brochante, que a concebeu.

É o caso de se dizer: de mal a peor.

Antes o tecto esburacado, ou uma tintagem liza

do que os borrões inclassificaveis, que lá vêmos.

Tapadas as fendas com os facéis recursos das restaurações actuaes, o florão do centro, ao menos devia têr se conservado, porque contiua a unica legenda sacra, que havia no templo.

Archivêmol-a aqui, para que d'ella fique memória, e para que alguém, de futuro, possa aproveitar as lições do passado, mandando fazer trabalhos a quem souber executal-os ou dirigil-os.

A meio de um largo e profuso silvado de rosas, havia um emblema da redempção, cercado, por esta unica inscripção:

*Hic est filius meus dilectus.
Audite eum.*

A imagem de *S. Salvador*, orago da igreja, figura sobreposta ao sacrário, por diante do painel moveido, representando a transfiguração do Senhõr, e destinado, nos dias ordinarios a encobrir o desgraçoso trõno, que é liso e de moderna construção.

As sacristias lateraes, pela sua pobreza e pessima ornamentação, não merecem nota. N'uma d'ellas está esquecido e mutilado um sacrário gotico de pedra de Ançã, chamada marmore de Coimbra, uma joia rendilhada e preciosa, que a tradicional ignorancia e mau gosto reduziram a um estado imprestavel.

Sanches de Frias.

CARTAS A UM PHILOSOPHO

III

Meu amigo:— A revolução social annunciada por Socrates na Grecia, foi uma necessidade da epocha em que viveu este sabio. O povo e os costumes publicos achavam-se completamente pervertidos pela moral dos sophistas: estes ensinavam doutrinas extravagantes e desorganizadoras de toda a sociedade civil e religiosa.

Para obstar a tão grande mal, Socrates fez *descer a philosophia do céu para a cidade*. Uzando de expressões simples, e ao alcance de todas as intelligencias, dirigiu o homem por methodos facéis no descobrimento da verdade, do nobre, do justo, e de todas aquellas idéas que levantam o homem, elevando-o da sua mesquinhez á perfeição.

A doutrina da unidade de Deus foi o pendão da revolta que Socrates arvorou para moralizar o povo grego, e reunil-o n'uma unica familia. Mas os velhos deuses expulsos do Olympo resistiram á propaganda; e o sabio austero, foi do mesmo modo que Jesus Christo mais tarde, e como todos os apóstolos de uma idéa, morto e inflamado por aquelles a quem resgatava da escravidão. A sua doutrina, porém, teve numerosos sectarios; as gerações proclamaram no um dos bemeitores da humanidade, e o seculo em que viveu, a aurora da civilisação em que vamos tão adiantados.

Na ordem dos reformadores, meu caro philosopho, eu conto em segundo logar Aristoteles, pedagogo de Alexandre Magno, que, por um caminho inteiramente opposto ao de Socrates, governou o mundo, e teve influencia na vida social dos povos como nenhum outro homem, antes ou depois d'elle.

Com aquelle credito e pezo, que dá a muita sciencia e o valimento dos principes, propagou sem opposição o principio da auctoridade illimitada. Na idade media encontram-se, por toda a parte, os sectarios do absolutismo, argumentando sempre com Aristoteles. Este sabio governou na côrte, nas escolas, na tribuna. Tudo, o que tinha influencia nas couzas d'este mundo adoptou suas doutrinas e os seus methodos, porque favoreciam o poder, e para os derribar foram necessarios muitos seculos, e grandes revoluções.

Contra o despotismo das doutrinas d'este homem celebre, Pyrrro e Epycuro romperam os laços sociaes mostrando na duvida e no prazer sensual o refugio de todos os soffrimentos physicos e moraes. A Grecia, opprimida com as crenças de Aristoteles, sceptica e libidinosa com a dos Pyrronicos e Epycuristas, estava a ponto de desorganisar-se, quando o Portico fez vibrar no fundo do coração humano o principio do dever, e poz n'elle um dique á torrente assoladora da incredulidade e da devassidão.

Zenão estabelecendo o principio de que — «o interesse nunca deve decidir das acções do homem» — chega assim ao conhecimento do axioma que é a base de toda a moral. — Existe para o homem uma obrigação inteiramente independente do interesse, e que deve praticar-se ainda quando se oppõe ao prazer ou a qualquer proveito pessoal,

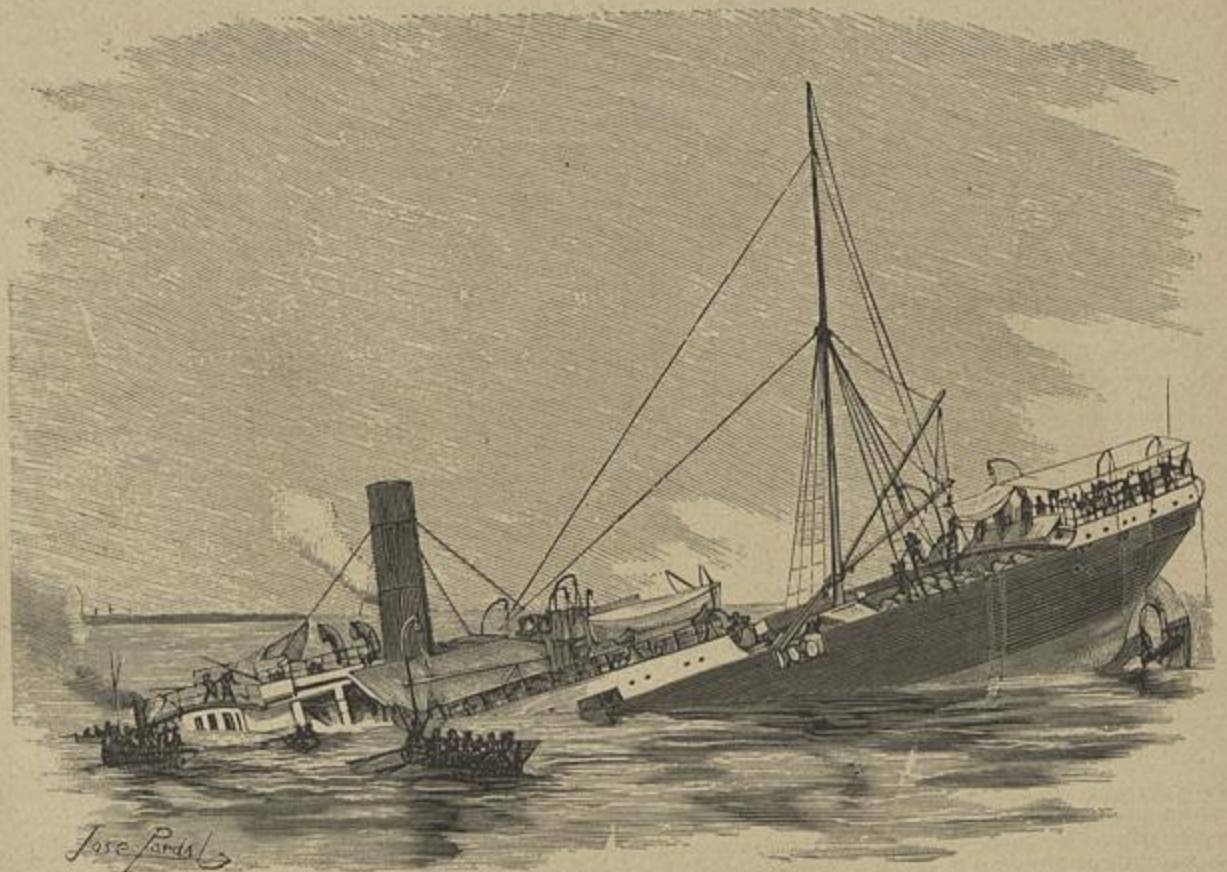
Os factos mais importantes do ser humano, a razão e a sensibilidade, foram discutidos n'estes tempos, e as consequencias de taes discussões foram elevadas á sua maior altura, dictando regras contrarias, onde se arvoravam em dogma moral, ora o interesse, ora o desinteresse, agora o prazer, logo a abnegação ou a submissão ao dever. São estes os principios que têm governado o mundo até aos nossos dias; e que, de baixo de fórmulas diversas, e combinados de diferentes modos se nos recommendam com as denominações de systemas mysticos, pantheistas, utilitarios, idealistas, etc.

Creou-se Roma com a doutrina do Portico, e a ella deve toda a sua grandeza no tempo da republica; Romulo e Cincinato foram fieis observadores da philosophia do Stoicismo, e com ella grangearam o nome illustre que tiveram na antiguidade, e a fama de que vivem na memoria das gerações; tambem d'elles se pode dizer com Sallustio... *paucorum civium egregiam virtutem cumctam patravisse: eoque factum, uti divitiam, paupertas, multitudinem paucitas superaret.*

Mas logo que Roma, fazendo-se conquistadora deixou de ser respeitada para ser temida, a Providencia determinou, que o mal que fazia aos outros povos, roubando-lhes a fortuna e a liberdade, fosse a origem da sua propria ruina. As riquezas accumuladas na capital do imperio minaram o povo guerreiro: as terras já não folgavam de serem cultivadas por mãos illustres; e os escravos tiveram a seu cargo nutrir e defender o povo rei. D'esta arte o individuo que gozava do foro de cidadão romano, ou antes aquelle que gozava do direito de opprimir os seus semelhantes, e de engrandecer á custa do seu sangue, julgou degradar-se occupando-se dos negocios a que eram chamados os escravos. D'aqui

nasceu a ociosidade, e d'esta o desejo insaciavel das riquezas para satisfazer a mil necessidades ficticias; o fausto e a ostentação exterior receberam homenagens, e a virtude e a nobreza pes-

soal foram esquecidas. Uma prostituição asquerosa e horrenda não se fez esperar, elevando-se a costume publico no tempo de Catão. Elle proprio, consul, advogado, general, e philosopho, virtuoso



A CATASTROPHE DO VAPOR «MATADI» EM BOMA

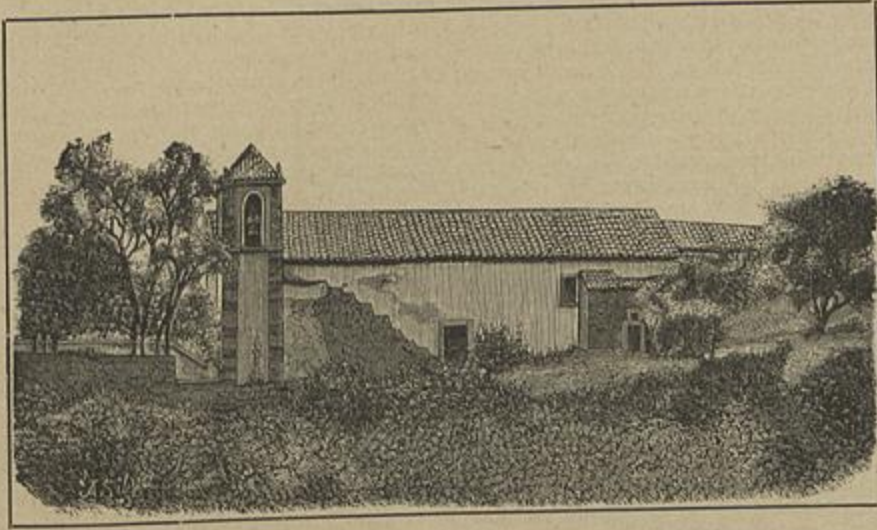
(Desenho do sr. J. Pardal, copia de uma photographia enviada pelo sr. A. J. Felgueiras)



BOMA

(Copia de uma photographia)

POMBEIRO DA BEIRA



VISTA EXTERIOR DA EGREJA

até ao excesso em sua mocidade, corrompido na velhice, pois que entregou sua mulher ao eloquente e opulento Hortencio para depois a receber rica, mostra-nos a profunda verdade de que o homem é filho da mulher, vive pouco e é cheio de muitas miserias!

No meio d'esta corrupção moral, a cidade dos Cezares, florescia materialmente, porque dominava na maior parte do mundo conhecido; com as immensas riquezas accumuladas na sua capital, levantava monumentos vastissimos, e de tal magnificencia, que Leão X, principe da casa dos Medicis e filho de Lourenço o Magnifico, na mesma epocha da renascença confessava-se vencido deante das edificações grandiozas da antiga Roma.

A dissolução porem da sociedade civil, consequencia da corrupção moral não se fez esperar por muito tempo. A barbaria, diz Proudhon,

renascia medonha d'esta immensa corrupção e estendia-se como lepra devorante sobre as provincias despovoadas. Como diz Robertson, na introdução á historia de Carlos V, a cidade das sete collinas tinha chegado áquelle grau de desmoralisação e abatimento, em que as couzas humanas ou morrem, ou se reformam radicalmente.

IV

Meu caro philosopho, agora desenrola se ante nós o quadro brilhante da civilisação christã; a historia conta como se fez este renascimento do velho mundo, e d'um modo tal que ao lel-a, parece-nos ouvir o estalido das cadeias crueis a despedaçarem-se debaixo dos golpes rijos dos barbaros, e os gemidos de povoações inteiras, passadas ao

rio da espada ou lançadas ao mar pelo feroz Atila.¹

Emquanto vogaram as doutrinas do Portico, os sabios pretenderam haver exgottado toda a sciencia humana, em objecto de moral; e apezar da ruina a que era arrastada a sociedade d'aquelles tempos, convenceram-se de que a doutrina do dever estava sancionada pelos seculos, e pela au-

IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO
(MONOLITO)

VISTA INTERIOR DA EGREJA

(Desenho do sr. J. Alberto Silva, copias de photographia)

toridade dos letrados. Mas de repente um homem desconhecido, que se diz filho de Deus, e que não tarda a provar a sua origem divina, fez desabar as columnas robustas das escolas stoicas, e pôe em alarme a velha sociedade. Diz cousas novas, e tão extraordinarias para aquelle tempo, que a terra se torna um campo de batalha, aonde os velhos abusos disputam palmo a palmo a sua antiga influencia. Ainda assim tão verdadeiras e santas eram as suas palavras, que apenas annunciadas recrutam um exercito numerosissimo d'esses mesmos, que momentaneamente lucravam em as combater. Debalde os interesses arreigados desde muitos seculos, se lhe oppõem escudados nas crenças do paganismo: apezar de tudo a boa nova propaga-se² com a velocidade de relampago e

¹ Estudos profundos de philologia têm levado á evidencia que Atila foi nos povos do Norte, antes a denominação que designava certa dignidade, ou ainda os reis, do que o nome d'um só homem. A tradição e a poesia popular, quasi sempre exaggerada, mas tendo o seu fundo de verdade, quando relembra por meio do canto os feitos dos seus heroes, chama-lhes Atilas, porque nas linguas arias principalmente, Atla, Atti, Acti, Water significam ou querem dizer, chefe, pae, rei, e ainda corajoso e bravo.

² acompanhando os estudos do Grím, por Atila estendemos aqui em geral os povos que da Germania desabaram sobre o orbe Romano.

³ Fallando dos Apostolos, diz Chateaubriand: «E a doutrina d'estes homens desconhecidos percorreu a terra. João ensinou na Asia Menor, e conservou em sua casa Maria que o Senhor lhe tinha confiado do alto da cruz; Philippe foi para a alta Asia, André para os Scithas. Thomas para os Parthas, e chegou até ás Indias, onde Bartholomeu levou o Evangelho de S.

funda nas ruínas das civilizações antigas uma civilização nova em cujo gremio reunirá todos os homens, e os ensinará a serem irmãos — civilização christã.

Meu caro amigo, é de primeira necessidade, que enumere aqui os grandes benefícios que fez a bem da humanidade, a doutrina do crucificado e em geral a Igreja Catholica sua representante. Eu sei que mais tarde sectarios fanaticos, não se contentando nos justos limites, forçaram as doutrinas dos Chrysostomos, Agostinhos, Aquinos e Bellarminos a consequências que ellas não continham; todavia os homens apenas enxergam o céu d'este tremedal onde tudo morre; taes aberrações, cuja influencia no progresso das sociedades, em seu tempo e logar apreciaremos, não podem fazer-nos olvidar, que a civilização actual deve a sua perfeição principalmente ás maximas moraes do Evangelho, e á interpretação que a Igreja Catholica lhes deu.

Sem a crença do livre arbitrio, sustentada com tanto calor pela Igreja, o homem porventura usaria livremente das suas faculdades intellectuales e moraes, e comprehenderia a sua missão n'este mundo? Creemos que não.

A consciencia que o homem hoje tem da sua força, a coragem com que emprende obras gigantescas, e o sentimento de aperfeiçoamento progressivo na vida individual e social, que o domina a todos os momentos, são uma consequencia necessaria da livre applicação das suas faculdades intellectivas a todos os ramos das sciencias e das artes. E quem senão a Igreja Catholica proclamou e defendeu a liberdade das acções humanas na vida physica e moral do homem?

(Continúa)

Conde de Valençãs.

PORTUGAL EM 1760

VI

Lisboa, 3 de setembro de 1760

Vi o rei de Portugal e toda a sua corte de gala hoje, que é um anniversario memoravel, pois que a 3 de setembro de 1758 sua magestade fidelissima estava a ponto de ser morto á traição pelo duque de Aveiro, que, abaixo dos príncipes de sangue, era a primeira pessoa d'este reino, por ser, além de riquissimo, chefe de uma familia dividida em muitas partes, todas assaz importantes e poderosas, não por essa cousa phantastica que se chama *nobreza de sangue*, como por ess'outra, um pouquinho mais substancial, denominada *quantidade de dobrões*. Outro dia vos direi as particularidades d'esse assassinato juntamente com as consequências que teve, as quaes foram muitas e extraordinarias, e poderiam só por si dar materia horrenda para uma historia. Hoje, porém, falarei apenas da função a que assisti esta manhã, e contarei como este anniversario foi celebrado. No logar de Belem, onde el-rei habita agora constantemente, e que se pode chamar com propriedade de suburbio de Lisboa, a distancia de um tiro de bala do real domicilio, no mesmo sitio em que o duque de Aveiro e dois creados, (José) Polycarpo e Antonio (Ferreira), fizeram fogo sobre o seu soberano erigiu-se agora uma casa de madeira de oitenta passos dos meus de comprimento, e de vinte e cinco de largo, forrada por dentro de sarja escarlata com franjas e galões, não de ouro, mas de ouropel, mesquinhez mal entendida por não estar em relação com todo o mais apparato. No meio estava um altar muito ricamente adornado, e em face d'elle a tribuna destinada á rainha, ao lado da tribuna do rei e proximo d'esta um logar para o secretario de estado Carvalho, personagem, segundo creio, muito nomeado n'essa vossa Italia, de quem vos direi muita cousa antes de me partir d'este reino. Por baixo da tribuna da rainha, defronte do altar, estava um throno pequeno para o patriarcha. O espaço restante era occupado, em parte, por muitos religiosos e muitos musicos que deviam fazer a festa, e, em parte, pela nobreza do reino, embaixadores e estrangeiros, bem trajados, mas confundidos, sem distincção de jerarchia, por ser o logar muito acanhado, n'um dia em que fazia tanto calor como

se fosse nos mais ardentes dias debaixo do tropico de Cancer. A's oito da manhã estava já tudo cheio de gente, e da banda de fóra formigava muito povo, que por duas grandes portas e por muitas janellas observava os que lá estavam dentro. Cerca das nove horas chegou o secretario de estado precedido de muitos gentis-homens, muitos servos, um tambor, e um trombeta, todos a cavallo. Sua excellencia vinha n'uma carruagem tirada por seis cavallos alvadios, e rodeada de vinte e cinco guardas reaes a cavallo. Dois palafreiros iam a pé de um e outro lado do coche. Em signal de respeito, a maior parte da gente retirou para o lado opposto áquelle por onde elle entrou. Certamente que nos outros paizes se não vêem muitos subditos cercados, como este, de tão fulgurante gloria. Poucos minutos depois chegou o patriarcha. E que patriarcha! Tirante o papa não ha no mundo um senhor ecclesiastico que se apresente com tanta pompa. O seu coche era precedido de outros dois, puxados a seis, com os seus officiaes e ministros. Atraz d'esse coche e do de sua eminencia caminhavam a pé em duas filas muito direitas mais de cincoenta servos, parte seculares e parte ecclesiasticos, cuja libre era de côr de purpura agalada de seda carmezim. As vestes dos servos seculares eram de panno, a dos ecclesiasticos de seda. Todos tinham grandes mantos que tocavam no chão, e a cabeça descoberta e empoada. Toda essa comitiva era precedida de um padre que ia a cavallo com a cruz. Aos lados da carruagem patriarchal seguiam a pé dois padres tão grandes que, D. Francisco e D. Tempesta não teriam recusado por companheiros n'uma precisão¹. Cada um d'esses padres segurava nas mãos uma umbrella de velludo carmezim guarnecido de franjas de ouro. O coche de sua eminencia lusitana era coberto por dentro e por fóra de velludo côr de purpura e todo ornado de obra de talha dourada; e os dois que o precediam eram tambem todos adornados de relevos e pinturas bellissimas. Atraz do patriarcha vinha a sua carroagem de respeito; não as teve mais bellas, creio, a rainha Semiramis, — e apoz essa mais tres carroagens com outros officiaes e ministros seus. Os primeiros quatro coches eram tirados cada um por seis cavallos, d'esses a que nós chamamos pegas porque, á semelhança das pegas são malhados de branco e de preto; e todos andavam n'um trote tão curto e tão magestoso que nem por isso avançavam mais que os servos e os que seguiam a pé com passo grave e muito respeitoso. Os outros tres coches immediatos ao de respeito eram puxados cada qual por seis mulas pretas como a noite e as mais bellas que tenho visto n'este paiz. Trazia o patriarcha vestes pontificaes e no seu coche ia só outro ecclesiastico, sentado em frente d'elle. De diversos lados compareceram no entretanto os dignitarios e os conegos da sua cathedral, cada um em sua carruagem puxada por seis mulas, e estes senhores eram mais de vinte. Tendo entrado successivamente no edificio, cada um, conforme a sua gradação, foi tomando logar, qual á direita, qual á esquerda do patriarcha. Chegou depois el-rei n'um coche tirado por seis cavallos pegas precedido de doze guardas a cavallo e seguido de outros tantos. D. Pedro, irmão do rei, e casado com a filha primogenita d'este, vinha no coche com sua magestade, a qual, não se importando, como já disse, com pompas, tinha um coche um tanto menos bello que o do patriarcha. O povo fez pouco mais ou menos ao rei a ceremoniosa reverencia que tinha feito havia um quarto de hora ao seu principal ministro. Tendo o soberano entrado, veiu tambem a rainha n'um coche, puxado por seis bellissimos cavallos brancos, precedida de outros dois coches, com as suas damas, tambem puxados a seis de varias côres. Tanto na frente como na retaguarda do coche real iam cincoenta dos seus guardas a cavallo, os quaes, sem comparação, são mais bem vestidos que os do rei, tudo gente estrangeira, escossezes, francezes italianos e allemães, tropa escolhida e de bella presença. A rainha levava consigo as suas quatro filhas e uma velha dama, e tanto a rainha como as filhas trajavam magnificamente, com grandissimos anquinhos e um thesouro immenso de brilhantes na cabeça, no collo, no seio, nas mangas, na cintura e nos sapatos. As filhas são quatro princezas de formosa estatura elegantes de corpo, quanto pôde ser, de rosto trigueiro e sympatico; uma das quaes, a terceira, creio eu, pouco lhe falta para ser um mais — que — per-

feito de beleza, pelo que me pareceu á distancia de seis ou sete passos. Quando chegaram á tribuna ajoelharam e fizeram uma breve oração, a julgar pelo movimento de seus labios. Em seguida a rainha sentou-se, ficando de pé as filhas, e poz-se a ler um livro, que beijou mais de quarenta vezes em tres minutos; e disse-me um official irlandez, que estava a meu lado, que é costume da rainha, beijar o nome de Deus, de Nossa Senhora e de Todos os santos e bemaventurados sempre que encontra esses nomes escriptos nos livros de devoção ou quaesquer outros que lhe succede ler. O famoso Samuel Clarke inclinava a cabeça todas as vezes que lhe occurria ou ouvia proferir o nome de Deus, de cuja existencia e attributos escreveu o mais nobre livro que talvez exista, no qual por agudeza e força de raciocinio, bem como pela vastidão e sublimidade do pensamento, se mostrou na minha opinião o maior logico e metaphysico que tem havido. Pouco depois da oração da rainha e de suas filhas entrou-se o *Te-Deum*, e seguidamente as litanias dos santos com grande estrepito musical. Então el-rei levantou-se e acompanhado pelo secretario de estado Carvalho e por tres ou quatro dos seus principaes ministros e pelo irmão desceu a um largo fosso, onde estavam dispostas algumas colheres e martellos de prata com ladrilhos e cal. O rei e outras pessoas pegaram cada qual na sua respectiva colher, postas na cova por sua magestade algumas medalhas de ouro, de prata e de cobre, aquelles senhores a taparam com um marmore quadrado: depois todos juntos, feitos pedreiros, deitaram a cal de roda e em cima da pedra fundamental de uma igreja nobilissima que se ha-de construir immediatamente n'aquelle sitio em acção de graças a Nossa Senhora por ter escapado a salvamento a vida do rei ameaçada pelos supramencionados duque de Aveiro e outros assassinos seus companheiros. Terminado esse serviço e o seu martellar que durou um quarto de hora, e que foi acompanhado de muitos sorrisos de certas raparigotas que estavam a observar os inexperientes pedreiros da parte de fóra de uma grande janella do edificio, o patriarcha celebrou missa solemne, acolytado dos seus principaes dignitarios e conegos, que assistem, segundo me contaram, com as mesmas ceremonias com que os cardeaes assistem ao papa nas maiores funcções. Acabada a missa, terminou o flautear e rabequear de grande numero de musicos e tocadores, dos quaes é mantida na corte muito mais abundancia do que lentes em Coimbra; e cada qual voltou pelo caminho por onde tinha vindo, suado e cansado, porque a tarefa foi longa e o calor infernal. Tanto á vinda como á retirada do monarcha duas companhias de infantaria mal calçada, mal vestida e mal penteada, que estavam de guarda ao edificio não deram nenhuma descarga, para não espantar os cavallos e as mulas que teriam causado desordem no povo agglomerado de todos os lados. Bom foi ter aquella prevenção, porque os cavallos e as mulas são animaes muito espertos e briosos, e depressa se lançam e fazem cabriolas sobre os christãos; e muito me satisfez ouvir o official das guardas da rainha gritar-lhes que tivessem cuidado em não fazer mal a ninguem, de sorte que todos elles iam a trote curto, e com muita cautella. Eu não podia ter melhor ensejo para examinar com todo o vagar os rostos e vestuarios de toda esta nobreza. Os seus trajos, como podeis suppor, eram magnificos; e todos, como vulgarmente dizemos, á franceza, mas poucos de bom gosto e bem feitos, pois os portuguezes, me parece, gostam muito das côres que dão na vista, côres theatraes; e os seus alfaiates não sabem nem cortar bem o panno, nem applicar bem um galão, nem casear com mestria. As pedras preciosas que as damas tinham em si eram de tamanho e belleza singulares. Só o penteado é que me parece excessivamente alto; pois todas prendem os cabellos no cocuruto da cabeça de modo muito elevado, vindo a formar uma especie de crista redonda e pyramidal, como a de certas gallinhas que tenho visto nas nossas terras, e a que damos o nome de gallinhas da India. Além d'isso, cobrem os cabellos de quantas flores artificiaes n'elles podem pôr. Exceptuando o penteado, parecem no trajar senhoras da nossa patria. Muitas toem feições bastante regulares e, em geral, os olhos são negros e brilhantes, nem a pelle é tão trigueira e oleosa como a de quasi todas as mulheres ordinarias, porque se resguardam, quanto podem, do sol, ainda que raramente atingem a alvura das damas italianas, e muito menos das inglezas. Tem o ventre mais baixo do que alto, ao contrario dos homens que apresentam grandissimas panças e rostos pesados e grosseiros. N'um clima quente como este parece que os homens deveriam ser derretidos pelo sol, como pregos; com-

Mathews, o primeiro de todos os Evangelhos; Simão pregou na Persia, Mathias na Ethiopia, Paulo na Grecia; Marcos, discipulo de Pedro, redigiu o seu Evangelho em Roma, e Pedro enviou missionarios á Sicilia, á Italia, ás Gallias e ás costas d'Africa. S. Paulo chegava a Ephezo quando Claudio morreu e elle proprio pregava na Provença e nas Hespanhas...

¹ Veja-se o *Ricciardetti* de Forteguerra, em que D. Francisco e D. Tempesta são dois gigantes que fizeram padres.

tudo, são inumeráveis os que parecem tonneis. Nem já me surpreende que debaixo, do mesmo sol poucas damas sejam dotadas de grande volume, porque na Inglaterra succede que os homens geralmente são corpulentos e possantes, e as damas delicadas e leves. Cabellos completamente louros não os vejo aqui nem sequer aos meninos, e todas as damas os têm muito negros, bastos e bastante compridos. De parecer affavel e jovial, distanciam-se muitissimo d'aquella severa compostura que se nota á primeira vista nos homens, que até quando sorriem, se conservam serios e graves; e todavia sorriem quasi sempre. A estatura das mulheres é, em geral, menor que a das italianas, e igual á das inglezas. Vêem-se poucos homens altos. No trato com as mulheres elles procedem com tanto respeito como os nobres de Veneza, quando andam em contenda, que apenas costumam dar muitos abraços e fazer muitas attentiosas reverencias. Homens com homens e mulheres com mulheres quando se encontram abraçam-se e approximam os rostos, e assim abraçados se inclinam uns para os outros; mas nunca se beijam, quer sejam amigos, quer amigas, como é moda na Italia e em França. É um homem não beija nunca uma mulher em publico como se usa muito em França e ainda mais em Inglaterra; mas curva-se profundamente, e a dama corresponde ao cumprimento com um imperceptivel dobrar dos joelhos, e ás vezes com um leve aceno de cabeça, e nada mais. E quando uma dama encontra alguém da populaça, logo este se quêda e cruza as pernas de modo que entre nós seria considerado ridiculo e extranho, e se humilha deante d'ella como se faria a uma cousa sagrada. Mas de suas maneiras e de sua polidez talvez n'outra occasião vos direi mais alguma cousa. D'aquelles cavallos de pêlo branco e preto, dos quaes pode ser que visse uns cincoenta na solemnidade d'esta manhã, não ha aqui aquella escassez que ahí se nota; todavia, são vulgarissimos; e, exceptuando o rei e a familia real, o patriarcha, os ministros estrangeiros e alguns poucos mais, ninguem tem carruagem puxada a seis cavallos, sim a seis mulas, por lei do paiz, se não estou mal informado, porque Portugal não abunda em cavallos e carece de mandar vir de Hespanha muitos de contrabando, apesar das penas gravissimas com que lá é prohibida a exportação d'elles. — Mas acabemos esta carta, ou antes, este pâstel. Adeus.

Alberto Telles.

JESUS

(A minha filha Bertha)

Et nemo ascendit in caelum,
nisi qui descendit de caelo, Filius
hominis qui est in caelo.
Evang. sec. Joan. — III, 13.

A noite era serena e silenciosa.
Absorto, eu contemplava o largo céu
cravejado de sóes!

Bordavam de poeira luminosa
dos espaços o negro e immenso veu,
os rutilos pharões!

Minha alma embevecida abandonava,
a pouco e pouco, o corpo mergulhado
em mystico torpor;
e o espirito, ente alado, atravessava
rapidamente o ether, recordado
de uma vida melhor!

Vejo cabir na infinda profundeza
os enormes planetas, qual sumido
bando de pygméus;
e o proprio sol da Terra, sem grandeza,
ser apenas, parece, astro perdido
nos abyssos de Deus!

Grande é, Senhor, o teu poder divino...
Deliciosa esphera, qual grinalda,
vejo surgir além!
Trez sóes gigante — um cor d'ouro fino,
aquelle de saphira, este esmeralda,
no vacuo a sustêm!

Phantastica mansão! Alli emana
de tudo uma tão doce claridade...
Que tenue melodia
fascinadora, estranha, sobrehumana,
qual perfume de vaga suavidade,
o espirito extasia!

1 Isto não quer dizer levantamento nem sussurro; mas andar ás buthas, isto é empregar diligencias para apañarem votos afim de obterem dignidades ou empregos.

Creatura angelical então avança:
ao lado avista-se outra — ambas seguidas
de espiritos gentis:
em róstos maviosos de creança,
bem se desenham linhas doloridas
de tristezas subteis!

Uma voz de harmonia mysteriosa
(era a do anjo ao doce companheiro)
assim ouvi dizer:
«eleito do Senhor, alma formosa,
«que tendo conquistado o céu inteiro,
á Terra vás descer;

«espirito de luz e de pureza,
«tu que rogaste — vocação sublime —
ao summo Creator,
«te deixe revestir a natureza
«humana, a fim de resgatar o crime,
«e supprimir a dor,

«escuta qual será a tua sina:
«no mais injusto e baixo dos planetas
«humilde incarnarás;
«de falsa hão de apodar tua doutrina;
«has de soffrer maquinações secretas
«de homens e Satanaz!

«Alma divina em corpo material,
«serás exposto ás mais cruéis torturas,
«vilipendias até!
«Has de fazer o bem, curar o mal;
«e alcançarão milagres de imposturas
hypocritas sem fé!

«A ti, mestre mais sabio que os doutores,
«a ti, mais justo e santo que os prophetas,
«prenderão os Judeus!
«E a turba ignara e vil dos malfeteiros
«calumnias forjará as mais abjectas
«contra o Filho de Deus!

«Has de ser condemnado, inulto réu,
«a ver a tua pena só perfeita
«nos braços de uma cruz...»
E o Justo respondeu, olhando o céu,
— Meu Paé, vossa vontade seja feita...
Assim nasceu Jesus!

11 de abril de 1896.

Corrêa Barata.

VULGARISAÇÃO

O FABRICO DO LAPIS

(Concluido do numero antecedente)

A primeira operação a que é submettida a graphite é a lavagem, que se realisa mediante processo identico ao que empregam, para lavar o kaolino, os fabricantes de porcellana. Por mais de uma vez se tem querido appellar para processos chimicos afim de expurgar a graphite de substancias estranhas; a practica, porém, e a economia aconselham a manutenção do velho methodo, cujos resultados são, por ora, mais certos.

A graphite, em estado fluido, é depois elevada por meio de bombas aspirantes a uma machina de filtrar, e separando-se da parte liquida, os residuos de graphite, condensados em pasta, são arrumados em *bolos*.

A argilla destinada a formar, com a graphite, parte componente do lapis é trabalhada da mesma forma. Os *bolos* de barro e os de graphite, depois de seccos, vão ao lume a condensar, e depois a machinas ou moinhos especiaes, que os misturam em doses convenientes, e proporcionaes á consistencia e intensidade das variadas gradações dos lapis. Estes serão tanto mais duros, á medida que contiverem maior porção de argilla, e mais repetidas vezes irão tambem ao moinho: — ha graphite que passa pela operação da moagem sessenta, setenta, cem e mais vezes. Depois de moída e combinada com o barro, é-lhe exgotada a agua em prensas de filtragem e outra vez posta a seccar.

Agora é que principia verdadeiramente a preparação do lapis de plumbagina. Diversas machinas vão, por successivas operações, reduzindo pouco a pouco a pó, cada vez mais fino, os *bolos* seccos, duros. Depois, o pó é molhado e transformado assim em pasta elastica, introduzido em elevados cylindros (de pedra) em cuja base se abre apenas um estreito orificio, cujas bordas são orladas de diamante. Os cylindros são interiormente perfurados, em toda a extensão, por um tubo ou conducto, redondo, triangular, polyedrico, consoante a forma que se pretende imprimir ao nucleo da plumbagina que deve constituir o lapis. A massa plumbea tem aliás sido submettida, em aparelho especial, a uma pressão de seis atmosferas, e é deveras curioso vêr deslizar vagorosamente, sahindo do orificio do aparelho, um fio

continuo, serpentino, semelhante ao macarrão, que, passando ainda atravez do cylindro de pressão já atraz mencionado, recebe, ao passar pelo orificio adamantino, forma definitiva e vae por si proprio enlear-se, por baixo do cylindro, em um como tambor, tal qual o fio de linha no respectivo *carrinho*.

Obreiros especiaes collocam depois os *novellos* espiraes da graphite sobre formas, onde seram as hastes em troços, correspondentes, pouco mais ou menos, á extensão do lapis.

As hastes de graphite apresentam, por ora, aspecto aspero, baço e são um tanto quebradiças; e, antes de serem transformadas em instrumentos para escrever ou desenhar, vão ainda a um forno especial, a consolidar. De todas as operações porque passa a *mina*, esta é decerto a mais melindrosa: — permanece, por vezes, horas e horas, em temperatura superior a 1500 gr. Reaumur.

É porem a ultima e definitiva: — a graphite está finalmente prompta e transformada em lapis.

Descrevemos, porem, apenas metade do processo, — o que se refere ao nucleo — vejamos agora o outro, não menos curioso e delicado, que diz respeito ao involucro de madeira, que serve de protecção ao lapis, completando-o.

Emprega-se, para este fim, exclusivamente, a madeira de cedro — de qualidade especial, que apenas se encontra na America do Sul, e, em pequena quantidade, nas ilhas Bermudas.

Todas as outras especies do cedro se regeitam: são demasiado duras, e exhalam cheiro forte quanto desagradavel. Os troços de cedro são previamente serrados no comprimento aproximado do futuro lapis e em hastesinhas cubicas. Estas são depois repartidas em tiras mais estreitas, por meio de uma serra circular, e estas ainda, divididas por finissimas serras em outras tantas tiras, da largura da sexta parte de um lapis. Assim cortada, a madeira vae ao fogo, a condensar, passa por um cuidadoso processo de lavagem e é depois posta a enxugar.

Entra agora em machina especial, provida de cutellos ou talhadores, de rotação rapidissima, onde são internamente entalhadas as tiras, na medida exacta do nucleo de graphite. Outro aparelho colloca a haste de graphite na cannelura aberta na metade do involucro do lapis — formado pela junção de tres das respectivas tiras, devidamente grudadas entre si — Sobrepõe-se-lhe a outra metade; grudam-se e, completo, d'esta forma, o lapis é mettido em uma prensa, para seccar.

Tem ainda de passar pela machina de desengrossar, da qual saem com forma polyedrica. Depois dão entrada na officina de aplainar, onde são afieçados nas respectivas formas: — redondos, triangulares, polyédricos e ovaes.

Não ha visitante que não siga com interesse o trabalho delicado de tão engenhosos e subteis inventos, e não é, decerto, o menos curioso, a separação automathica das sortes de lapis, de qualidades e gradações numericas diversas.

A operação de pulir o lapis, só por si, assume as proporções de um ramo especial de industria. Para dar ao leitor ideia aproximada da importancia actual d'esta fabricação em Nuremberg, bastará dizer-lhe que a fabrica de Johann Faber emprega para cima de 350 machinas de pulir — sessenta no seu estabelecimento central, e o restante em outros que tem nos arredores — e que cada uma d'ellas pule, por semana, a media de vinte cinco ou trinta grozas de lapis. Depois de pulido o lapis vae ainda a um talhador mechanico, redondo, que lhe chanfra as extremidades — a outro que as alisa e regularisa em absoluto o comprimento d'elle; e, depois da ultima lavagem, passa por uma inspecção. Considerado como perfeito, dá entrada nas officinas de estampação, onde se lhe imprime a marca de fabrico, designação de qualidade ou especie, numero da respectiva gradação, em letreiro a ouro, prata ou aluminio, e, em algumas especies, apenas a cravação.

Está afinal prompto o lapis, e eil-o na officina de embalagem, confiado a delicadas mãos feminis, que o reúnem e ligam em massos, cintados uns, dispostos outros em bocetas ou estojos, para irem viajar e dar, ás vezes, a volta ao mundo.

É esta uma das industrias mais prosperas da Baviêra, que possui vinte e seis fabricas importantes, a maior parte em Nuremberg, empregando a media de 10.000 operarios e operarias, e produzindo cerca de 3.000.000 de lapis de graphite — de *comté* — de *côres*, etc.

Só a de Faber á sua conta, produz annualmente quantidade superior a um milhão.



REVISTA POLITICA

O tempo anda como a politica, — sem allusão ao *Tempo*, jornal do sr. conselheiro José Dias Ferreira, que não entra em o numero dos abstencionistas, e de abstenções é que se trata — depois de uma secca de quasi dois mezes, carregaram se os astros para chover, mas foi chuva de pouca dura, exactamente como a quebra da abstenção do partido progressista.

Fizeram se preces, nos templos, passearam procições de penitencia por esse paiz fóra, percorrendo algumas dezenas de kilometros, os jornaes pediram providencias ao governo e alguns deputados, na camara chamaram as atenções dos srs. ministros para a secca que esteriliza os campos, e depois de todos estes rogos e supplicas, depois de todo este clamar de quem se arreceia ficar sem pão, veio a chuva para mostrar que ainda se não tinham seccado de todo as fontes do Ceu, mas foi só para mostrar, porque logo se estancou, como que arrependida de ter cedido um tudo nada da abstenção em que se firmara.

Pois assim aconteceu com o partido progressista que, depois de uma completa abstenção, de que não o demoveram o bom criterio de alguns dos seus correligionarios; o direito de concorrer á urna franca e aberta a todas as votações; a abertura do parlamento, onde muitos dos seus membros tem assento na camara alta etc. etc., resolveu concorrer ao Conselho de Estado onde se apresentaram os srs. conselheiros Luciano de Castro, Barros Gomes, conde de S. Januario, e Casal Ribeiro que, não bastante ser regenerador não está comtudo de accordo com a situação.

O Conselho de Estado tinha que resolver sobre a prorogação do parlamento. Os conselheiros progressistas compareceram, simplesmente para declararem o seu voto contrario á prorogação e não voltaram mais ao Conselho de Estado, continuando o seu partido na mesma abstenção.

Foi como se vê, sol de pouca dura, assim como a chuva, pelo que não sei se é o tempo que influe na politica, se é esta que influe no tempo.

Se a estiagem é motivada pela politica abstencionista, é recorrer ao sr. conselheiro Luciano de Castro para que, n'um rasgo de patriotismo e de humanidade, desista do seu proposito, em beneficio da agricultura nacional, e d'este povo que não pôde pagar o pão mais caro; se é a politica progressista que obedece a este verão prematuro, que ameaça seccar até á ultima ervasinha do mato, é esperar que se ice o camaroeiro do Arsenal e logo se icará a bandeira parlamentar no solar da rua dos Navegantes.

Foi por isto que ha dias quando correram boatos de crise ministerial, houve quem dissesse, olhando para o ceu limpido e illuminado de sol, não pôde ser, com este tempo assim a unica crise possivel é a da agricultura.

E com effeito assim foi.

A crise, se é que a houve, resolveu-se com a sahida do sr. ministro da guerra, que pediu a sua demissão em consequencia dos seus collegas dogabinete não estarem de accordo com a reforma do exercito proposta por sua excellencia, de que resultava augmento de despesa, incompatible com os recursos do thesouro, n'esta occasião.

O sr. Pimentel Pinto, que durante tres annos dirigiu com intelligencia e actividade pouco vulgar, a pasta da guerra, foi substituido pelo sr. Moraes Sarmento, coronel da arma d'infanteria, antigo deputado da nação, e que, no desempenho das mais importantes commissões parlamentares e militares tem dado provas de grande capacidade, provas que de ha muito o tinham collocado á altura de desempenhar o cargo que lhe foi agora confiado.

A nomeação do sr. Moraes Sarmento para ministro da guerra foi geralmente bem accete e em especial, no exercito, em que todos os seus camaradas lhe reconhecem a superior competencia,

a par das preciosas qualidades de caracter que distinguem o novo ministro da guerra.

Não sabemos se s. ex.ª tera tempo de levar ainda ao parlamento quaesquer propostas do seu ministerio, mas todos os precedentes levam a crer que fará bom governo e continuará a obra de organisação e instrucção do exercito empreendida pelo sr. Pimentel Pinto

Desde que se entrou no caminho das reformas, são estas que se impõe a todos os governos em geral e a todos os ministros em especial. E' por isso que se espera, logo que um ministro entra, pelas reformas que apresentará, e assim se vae reformando sempre e sem descanço, pois que até a ultima reforma eleitoral já está sendo reformada e discutida na camara, que não se pôde accusar de remissa em trabalhar deixando passar até sem reparo algumas medidas que precisavam mais um bocadinho de attenção.

N'estes casos está a proposta para a selagem dos cartazes de publicações litterarias que vão pagar 200 reis de sello!

O tributar uma industria que só de nome existe em Portugal porque de facto ella não passa de um *diletantismo* ou carolice, é quasi um cumulo, como agora se diz,

O resultado do novo imposto será negativo, porque ninguem pensará mais em fazer cartazes



DR. ARISTIDES DA SILVEIRA

para annunciar romances e em todo o caso a industria lithographica e typographica é que sofre com isso, sem o estado lucrar cinco reis.

Jóão Verdades.



Recebemos e agradecemos:

A Industria Agraria. *Serie de conferencias*, por J. M. Esteves Pereira, professor de Historia das Industrias, no Instituto 19 de Setembro, Lisboa. Um volume de 112 paginas in 8.º Este livro, que representa da parte do seu auctor um estudo difficil, pela falta de trabalhos n'este genero, entre nós, onde tão pouco se tem publicado concernente a industrias, faz parte de uma obra que, sob o titulo *Historia das Industrias* o sr. Esteves Pereira conta publicar, com o que prestará um bom serviço ao estudo das industrias em geral e á industria portugueza em especial. Para se fazer ideia do livro agora publicado bastará dar a resenha dos seus capitulos:

Capitulo I, A industria agraria, suas divisões.— Cap. II A industria agricola. A agricultura na antiguidade. Mythos e leis. A arte cultural na peninsula.—Cap. III. A nação portugueza é essencialmente agricola. A cultura cerealifera através dos seculos. Legislação e protecção.—Cap. IV. A industria moageira A trituração do cereal na antiguidade. Os moinhos. As atafonas e os atafoneiros. As farinhas, a sua producção.—Cap. V. A industria panificadora. O uso do pão. A arte de o fabricar. A hygiene.—Cap. VI. A industria horticola. A horticultura como precedente da agricultura. Os gregos, os celtas e os gauleses. Os barbaros e os religiosos. A horticultura na peninsula e em Portugal. Breve historia da cultura de varias hortaliças e legumes. Cap. VII. A industria vinicola. A viticultura na antiguidade. A Grecia e a Italia, A viticultura e a industria vinicola em Portugal. A exportação. A revolução franceza e o bloqueio continental, desenvolvem a exportação. Antigo processo de fabrico dos vinhos do Porto.—Cap. VIII. A industria arboricola. A olivicultura e a fabricação do azeite. A cultura arvensis. Breve historia da cultura de algumas especies fructiferas.—Cap. IX. A industria pecuaria. A pastoricia e a industria pecuaria. Apontamentos historicos acerca da criação de alguns animais mais conhecidos e exploração de varios productos de que se occupa a industria agraria. Cap. X. A industria florestal.—Cap. XI. A industria floricola. O uso das flores, os jardins e a floricultura na antiguidade. Notas historicas acerca da cultura de algumas flores.

Vê se por aqui o desenvolvimento da obra dentro dos limites do pequeno volume que o seu auctor teve a amabilidade de nos offerecer.

No escriptorio da Empreza do OCCIDENTE recebem se encomendas da *Industria Agraria* cujo preço é de 300 reis o vol.

Primeiros passos para a temperança por Alice Price; traducção de Alberto Telles. Lisboa 1896

Mais um livro de humanitaria propaganda, editado pelo grande benemerito sr. Julio Andrade, illustrado cavalheiro a quem a sociedade portugueza tanto deve. Os livros anteriores, e de que temos dado noticia, eram quasi todos destinados aos homens e ás mulheres, mas o presente é dedicado ás creanças. Edicção larga para ser distribuida pelas escolas, traducção corrente e popular do nosso distincto collaborador sr. Alberto Telles, a presente obrinha é um verdadeiro cathecismo de hygiene e de temperança.

Escrepto n'um estylo suave e persuasivo, agouramos que o utilissimo livrinho se deve tornar uma semente de fructos opimos, Redigidos os pequeninos capitulos de exposição em forma de curtas licções, com as suas perguntas gradualmente ordenadas, é deveras insinuante e satisfaz a curiosidade natural da creança e lança-lhe no espirito a ideia da defeza contra a bebida e contra os excessos da gula.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 REIS — PELO CORREIO 220 REIS

À venda na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 reis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 reis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39